



Michel Corvin (1930-2015)

Dedicou a sua vida a pensar, ensinar e documentar o teatro. Enciclopedista, redefiniu as concepções teatrais no *Dictionnaire encyclopédique du théâtre*. Na sua missão de historiador, preocupou-se em preservar a memória e a História do teatro (*Anthologie des auteurs dramatiques de langue française de Godot à Zucco, Le nouveau théâtre en France, Le nouveau théâtre à l'étranger*). Professor honorífico no Institut d'Etudes Théâtrales da Université Paris III (Sorbonne Nouvelle), ensinava também na École régionale d'acteurs de Cannes. Conciliou o percurso académico com uma boa dose de rebeldia, desafiando-se, recolocando questões continuamente. Com 84 anos, foi ator em *Notre Faust*, numa encenação de Robert Cantarella. Interessou-se pelas vanguardas teatrais, mostrando-se curioso, de olhar atento com os autores e criadores contemporâneos. Apaixonado pela obra de Jean Genet, foi responsável pela organização e edição da obra completa do dramaturgo na coleção La Pléiade. Em 2014, com *L'Homme en trop: l'abhumanisme dans le théâtre contemporain*, retoma a reflexão sobre o conceito de personagem-ator. Em Julho de 2015, um mês antes da sua morte, lançou a sua última obra: *Lecture innombrable des textes du théâtre contemporain*.

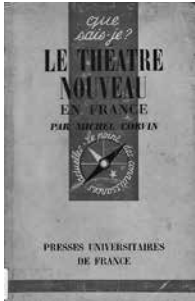
«Il avait du goût pour ce qu'il ne connaissait pas encore, il était plutôt du côté des voyous que de l'orthodoxie.»»

OLIVIER NEVEUX¹



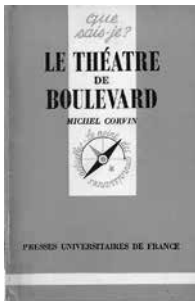
Professor universitário, investigador, ensaísta e historiador, foi um autêntico *gourmet* de tudo o que está relacionado com o palco. Como não tinha papas na língua, não hesitava em desarrumar os talheres ou em manchar a toalha no festim do teatro, com um estilo mordaz inconfundível, muito profundo e direto nas suas análises e observações. O meio teatral não esperava tamanha desfeita, tendo-se habituado à enérgica atividade deste entusiasta, que nunca cessou de partilhar o seu gosto pela história e pela atualidade do teatro. Ainda que autor de uma vasta obra sobre a dramaturgia do século XX, a sua curiosidade insaciável e independência de espírito fizeram dele um espectador assíduo e atento às formas inovadoras deste século, informando-se sobre as novas escritas e os jovens autores.

1 «Table Ronde en hommage à Michel Corvin» in *France Culture*, 26 de Agosto de 2015.



Tendo sido sua estudante no Institut d'études théâtrales (Université Paris III – Sorbonne Nouvelle), quero sublinhar o empenho de Michel Corvin na transmissão do saber, sempre aberto ao debate, e aquela sua maneira tão própria de falar das coisas de teatro, mesclando a exigência e o rigor com uma ironia devastadora. O lançamento em 1991 do seu *Dictionnaire encyclopédique du théâtre* explica em parte que o apresentem como enciclopedista. É verdade que esta obra de referência, por vezes até simplesmente denominada «o Corvin», será completada e atualizada até à última edição, em 2008, com um novo título (*Dictionnaire encyclopédique du théâtre à travers du monde*), sinal da postura universal do teatrólogo, que deixa inacabado o projeto de lançar uma nova versão digital da famosa enciclopédia. Demonstrou-me o seu apego ao teatro português quando me pediu que redigisse os artigos sobre esta área nas várias reedições desta obra, e para evocar a dramaturgia portuguesa na sua *Anthologie critique des auteurs dramatiques européens (1945-2000)* (Éditions Théâtrales, 2007). Devo-lhe também ter escrito sobre as artistas portuguesas no *Dictionnaire universel des créatrices* (Éditions des femmes – Antoinette Fouque, 2013), cujo setor de teatro foi coordenado por Michel Corvin.

GRAÇA DOS SANTOS



Não tive a sorte de ser aluna de Michel Corvin, nem de o conhecer pessoalmente, mas, já na fase da minha vida em que o ensino do teatro passou a ocupar um espaço central das minhas actividades na universidade, descobri com uma enorme alegria que o seu trabalho podia chegar até nós, estudiosos do teatro em Portugal, graças à sua obra mais extensa e mais impressionante, o seu *Dictionnaire encyclopédique du théâtre*, publicado em 1995 pela conceituada editora Bordas.

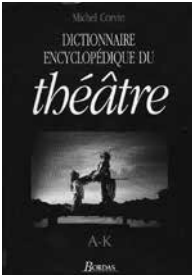
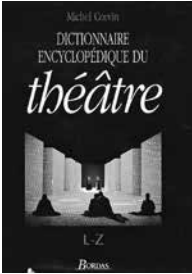


Lembro-me de que abri o livro pela primeira vez em casa de Anne Ubersfeld, cúmplice de sempre deste investigador, que com ela construiu os estudos de teatro na universidade francesa, rompendo com uma velha indefinição do estatuto do ensino académico do teatro. Voltei para Portugal, com o peso reconfortante desta obra na minha mala. E, à medida que me habituei a utilizá-la para a minha própria investigação e a recomendá-la a colegas e estudantes, fui-me apercebendo da imprescindível ajuda que a riqueza dos resultados de todo este labor colectivo, «rédigé par des amoureux du théâtre (à faire partager à d'autres amateurs)», trazia ao meu

trabalho. Enciclopédico, é um dicionário que se lê como um livro de histórias que estimulam a nossa imaginação e nos fazem viajar no espaço e no tempo.

Em Michel Corvin, a arte efêmera do teatro encontrou um sábio historiador e um fiel guardião da sua frágil memória.

CHRISTINE ZURBACH



Difficile d'imaginer que l'on ne croisera plus Michel à un spectacle : il allait si souvent au théâtre et était en Avignon l'été même de sa disparition. Oui, il était resté un grand spectateur de théâtre, cet homme qui en avait pourtant tant vu !

Ses intérêts étaient donc loin de se limiter au texte de théâtre. Admirateur impénitent de l'avant-garde, du Laboratoire Art et action à Jacques Polieri, il était curieux de tout, et le projet énorme du *Dictionnaire encyclopédique du théâtre à travers du monde* était à sa mesure. Il l'a conduit et réalisé avec maestria, obstination et élégance, nous entraînant à sa suite les uns et les autres avec amitié et rigueur, obsédé par les mises à jour régulières de l'ouvrage dont la première version est parue en 1991 et la dernière, épuisée, en 2008. Son œuvre parle pour lui, mais son entretien, son savoir, ses remarques pleines de justesse et de causticité manquent déjà à ses étudiants-acteurs et à ses collègues comme lui chercheurs et pédagogues.

BÉATRICE PICCON-VALLIN

MICHEL CORVIN

«Pour devenir comédien, il faut apprendre à douter et surtout de soi-même. [...] L'important, c'est la curiosité et le doute, le tout dans le plaisir ! C'est ça être comédien : ni l'artifice, ni la nature brute. [...] J'enseigne le théâtre en sortant du théâtre. Le théâtre ne peut se saisir comme art spécifique que si on prend des chemins de traverse, en évitant de le considérer comme un en-soi ou en plaquant sur lui des lectures qui n'aboutissent qu'à quelque chose de superficiel. [...] Je parle aux élèves de beaucoup d'autres choses que de théâtre.»

«Pour un bain de culture permanent» in *La Terrasse*, 10 de Outubro de 2009

«Le langage n'est pas une vitre transparente à travers laquelle se verrait, tel qu'en lui-même, le réel, massif et parfaitement préhensible ; le travail du théâtre est de se consacrer au langage en train de se colleter avec le réel : s'il l'analyse, il ne le fabrique pas, il le recompose après l'avoir décomposé.»

Marchons ensemble, Novarina ! Vade mecum

«La dramaturgie n'est pas une science, mais un artisanat précis et subjectif à la fois, qui travaille sur des données concrètes mais écrites quand il s'agit d'un travail sur textes qu'on ne peut pas tordre en tout sens au risque de casser l'objet de son étude.»

L'Homme en trop: L'abhumanisme dans le théâtre contemporain

«La meilleure façon de ramener le théâtre à lui-même et de lui interdire la fuite vers la littérature c'est encore de lui rappeler sans cesse qu'il est convention morceau d'espace-temps où des comédiens – non des personnages – se livrent sans se perdre un instant de l'œil à une exploitation consciente des ressources de la scène. Le théâtre se nourrit de lui-même et se désigne comme tel au moment précis où les signes dramatiques pourraient donner au spectateur l'illusion d'une référence à une action, à des sentiments, à une philosophie vrais. Ce dédoublement paradoxalement nécessaire pour plus d'unité, c'est la parodie qui l'opère, sous forme d'humour et plus généralement de distorsion entre les signifiants et les signifiés. Gestes, accessoires, jeu, accordés ou en opposition avec le langage élargissent la faille entre le théâtre et le corps étranger qu'on nomme le réel.»

Le théâtre nouveau en France